

## **As dez mais elegantes: notas sobre a rigidez do comportamento feminino no Brasil dos anos dourados**

*The ten most stylish: notes on the rigidity of female behavior in Brazil Golden Years*

Silva, Elisabeth Murilho; Doutora; Universidade Federal de Juiz de Fora;  
murilho@gmail.com<sup>1</sup>

### **Resumo**

O artigo investiga os padrões do comportamento feminino nas décadas de 1950 e 1960 através do colunismo social de Ibrahim Sued. O jornalista manteve durante mais de trinta anos uma coluna diária no jornal *O Globo* e se notabilizou como um árbitro do bom gosto e da elegância, opinando sobre moda e comportamento da elite brasileira.

**Palavras chaves:** moda, comportamento, cultura juvenil.

### **Abstract**

The paper investigates the patterns of female behavior in the 1950s and 1960s through the social columns of Ibrahim Sued. Journalist held for over thirty years a daily newspaper column in *O Globo* and distinguished himself as an arbiter of taste and elegance, opining about fashion and behavior of the Brazilian elite.

**Keywords:** fashion, behavior, youth culture.

### **Introdução:**

A elegância é algo difícil de ser definido e, justamente por essa razão, objeto de manipulação dos ditos conhecedores da moda e da etiqueta. Como a moda é efêmera, também os padrões de elegância tendem a constantes mudanças, fazendo com que a necessidade de atualização aumente a importância dos especialistas em moda e estilo, tornando-os verdadeiros arautos do bom gosto.

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisadora dos temas relacionados à juventude, moda e cultura juvenil.

No Brasil, durante ao menos três décadas, esse lugar foi ocupado pelo cronista social Ibrahim Sued, que manteve uma coluna diária no jornal *O Globo* entre 1954 até próximo de sua morte, em 1995. Além do espaço no jornal, Sued também aparecia em outros veículos como o rádio e a televisão, inclusive com participações semanais no programa dominical *Fantástico*. O objeto de sua coluna era a *gente bem*, conforme se designava até a década de 1950 a elite que frequentava festas, promovia jantares, fins de semana em Petrópolis ou Correias, era vista na piscina do Copacabana Palace ou passava temporadas em Paris. O “Turco” como era chamado por descender de árabes, dominava o *grand monde*, como costumava dizer, emitindo opiniões sobre a “arte” de receber, a etiqueta e a elegância dos homens e das mulheres mais importantes da época. O momento mais aguardado, no entanto, era o mês de dezembro, quando o jornalista publicava a lista das dez mulheres mais elegantes do ano em sua coluna n’*O Globo* e no final da semana, com fotografias coloridas, na *Revista Manchete*.

A análise das crônicas sociais do período tem aqui o objetivo de fornecer pistas acerca do comportamento das elites brasileiras da época e que servia de certa forma, como modelos de imitação para as outras classes sociais. A presente pesquisa, ainda em fase inicial, faz parte de um projeto mais amplo, denominado “As contribuições da cultura juvenil para um relaxamento social: a moda e o comportamento a partir dos anos 1980”, no qual venho trabalhando há alguns anos. Nesse projeto, tomo a teoria do autocontrole do comportamento em sociedade, desenvolvida por Norbert Elias em suas obras *O Processo Civilizador* (1994) e *Os Alemães* (1997). Na primeira, o autor demonstra através da análise de processos sociais de longa duração (ou sociogênese), como o convívio violento das sociedades ocidentais foi, aos poucos, sendo substituído por regras comportamento social ritualizadas e não violentas, fazendo com que a sensibilidade social para comportamentos não conformes fossem combatidos. Na medida em que aumenta a interdependência entre os indivíduos e a sociedade se torna mais complexa, as regras se expandem para outras camadas da população, atingindo toda a sociedade. Assim, de maneira um tanto simplificada, a civilização seria esse

longo processo de aumento gradativo e constante das sensibilidades sociais em relação à violência.

Mais tarde, respondendo às críticas acerca do positivismo dessa teoria e, principalmente, tentando responder ao extermínio em massa que o nazismo promoveu durante a segunda guerra mundial, Elias explica na segunda obra, que o gradiente de formalidade e informalidade nas relações sociais pode variar. Segundo o autor, observa-se um certo relaxamento nos padrões de comportamento social após a década de 1960, inclusive com a adoção de formas de tratamento pessoal que diminuem as distâncias entre as gerações, os sexos e as hierarquias. Tal observação, no entanto, não indica que o grau de civilização dessas sociedades tenha retrocedido, mas ao contrário, é justamente o triunfo de regras de comportamento social longamente apreendidas, de tal maneira que se tornaram inconscientes e capazes de inibir formas de reação naturais. Assim, os jovens que desfilavam nus nos grandes concertos de rock da década de 1960 não seriam a expressão da liberdade natural perdida, mas sim o indivíduo altamente civilizado, capaz de reprimir desejos através da racionalização sobre a liberdade e os direitos de cada um dentro da sociedade.

E quais as relações entre o comportamento juvenil da década de 1980 e o colonismo social dos anos dourados? Em primeiro lugar, sigo as pistas de Elias, que também adotou a análise dos manuais de etiqueta e boa educação como forma de analisar as mudanças no gradiente de civilização. Além das razões já citadas anteriormente, o período recente carece de investigações de caráter mais íntimo acerca do cotidiano dos jovens, mulheres e famílias, que podem aparecer de maneira um tanto performática nas crônicas sociais, mas são elucidativos em termos de um comportamento propagado como exemplar. O recuo de três décadas pretende captar o início de tais mudanças sociais, quando os jovens se tornam numericamente expressivos e economicamente interessantes enquanto consumidores. Assim, a presente pesquisa procura captar o “clima” da época, o lugar da mulher e do jovem nessa sociedade, além do papel atribuído às famílias. Esses três atores citados, a mulher, o jovem e a família serão o alvo das transformações em termos de papéis e

comportamentos na revolta juvenil da década de 1960. Os profundos questionamentos terão lugar ainda nas décadas seguintes, chegando a transformações sociais mais consequentes nos anos 1980, quando a mulher e o jovem finalmente passam a ocupar papéis de destaque no mercado de trabalho, inclusive com a desvalorização das outras faixas etárias<sup>2</sup>.

Se hoje nos parece impossível retratar algum evento dos anos 1960 sem falar no impacto que a cultura juvenil causou na cultura das sociedades como um todo, analisando as crônicas sociais das décadas de 1950 e 1960 perceberemos as sutilezas que separam as gerações nesse momento, destacando as marcas do conservadorismo das elites brasileiras, tributárias de uma cultura francesa um tanto *ancien régime*.

### **Em sociedade tudo se sabe<sup>3</sup>**

Não há novidade em se dizer que no período colonial brasileiro a corte e as elites que aqui habitavam seguiam a moda europeia, principalmente francesa, encontrada na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, ou comprada diretamente em Paris. Mais adiante, já no século XX, as mulheres da elite cafeeira eram conhecidas clientes dos mais renomados costureiros franceses, como Eufrásia Teixeira Leite, Tarsila do Amaral, que se vestia com Poiret ou Jean Patou ou Yolanda Penteadó<sup>4</sup>, que narra suas visitas à Madame Grès em sua biografia .

De fato a influência francesa na cultura das elites brasileiras não é uma particularidade nacional, pois desde o século XVIII a França influenciava outras nações europeias em matéria de etiqueta, moda e estilo de vida (ELIAS, 2001). Nesse sentido, o habitante dos trópicos que se vestia segundo os ditames restritivos da moda europeia no século XIX não era tanto um seguidor da

---

<sup>2</sup> Essa discussão que aparece aqui um tanto resumida pode ser vista em SILVA, E. M. *É possível falar de tribos urbanas hoje?* 2011. *A moda e a cultura juvenil contemporânea*. Iara Revista de Moda, Cultura e Arte, São Paulo, Senac, Vol.4, 2011, pp.47-64. Disponível em [www.iararevista.sp.senac.br](http://www.iararevista.sp.senac.br)

<sup>3</sup> Título do livro organizado por Isabel Sued, filha de Ibrahim, que reúne trechos de suas crônicas e livros. Publicado pela Editora Rocco em 2001, o livro está separado por décadas e dentro de cada décadas assuntos comuns, como política, gente, moda, etc. A obra, no entanto, não se presta muito como fonte de pesquisa, pois isola os trechos julgados interessantes do contexto da crônica e não apresenta datas específicas.

<sup>4</sup> BIVAR, A. *Yolanda*. São Paulo, A Girafa, 2004.

elegância frívola, mas da conformidade aos padrões do pudor e da civilidade exigidos, além é claro, de reforçar as marcas de distinção social, diferenciando-se visivelmente dos negros escravos ou ex-escravos e dos nativos indígenas.

Já no século XX, a elite enriquecida pela agricultura do café se distingue pelos longos períodos passados na Europa, principalmente em Paris, o que contribuiu para a continuidade dessa influência, além de trazerem de lá roupas, objetos, obras de arte, hábitos, palavras, expressões, receitas culinárias. De fato a indústria da moda francesa permaneceu soberana no mundo durante a primeira metade do século XX, mas o cosmopolitismo da cidade nesse período também contribuiu para tornar as estadas em Paris mais interessantes. Após a primeira guerra mundial, a permanência de antigos soldados negros americanos, agora músicos de *jazz* impulsionou a boemia em alguns bairros. Nos anos 1920 outros americanos chegam: os escritores, aspirantes a escritores, intelectuais e outros artistas que procuram o estilo de vida festivo da cidade, mantendo-se com algum conforto com a diferença no câmbio do dólar valorizado em relação ao franco fragilizado após a guerra. As viagens transatlânticas tornam-se comuns para essas pessoas<sup>5</sup>.

O período de 1950 a 1960 foi, de maneira geral, de abundância econômica, em que o avanço da produção industrial possibilitou o acesso das camadas médias à bens de consumo antes exclusivos das classes mais altas. Isso ocorreu na Europa e nos Estados Unidos, mas também no Brasil, para uma porção restrita da população, habitante de áreas urbanas no sul e sudeste do país. Justamente porque um enriquecimento de novas camadas da sociedade foi possível nesse período é que a observância de antigas formas de distinção social se torna importante. A rigidez da etiqueta e as definições de elegância serão lembradas para separar o dinheiro novo do antigo. De outra parte, o luxo também encontrará novas formas de expressar-se, normalmente através da exclusividade reservada aos membros do grupo.

A crônica social revela uma época em que o Rio de Janeiro, mesmo quando deixa de ser a capital da República, mantém sua influência, sendo lugar de

---

<sup>5</sup>Gertrud Stein e Ernest Hemingway foram alguns dos escritores americanos que viveram em Paris nesse momento e retrataram o estilo de vida dos americanos e outros intelectuais e artistas estrangeiros que viviam na cidade nesse momento. HEMINGWAY, E. *Paris é uma festa*. São Paulo, Bertrand Brasil, 2012

grande importância política e econômica, além de primeiro (e às vezes único) destino das estrelas e demais celebridades internacionais em visita ao Brasil. O mundo dessa elite aparece aí, aos olhos de hoje, como o encontro de um pequeno e seleto grupo nos mesmos poucos lugares. Todos se conheciam e tem-se a impressão que tudo de importante no país se passava no Rio de Janeiro, já que a importância econômica de São Paulo ainda não abalava a “cidade maravilhosa” em termos de prestígio social.

### **O colunismo social de Ibrahim Sued**

A origem humilde e a ausência de capital cultural ou econômico não foram impeditivos para que o filho de imigrantes árabes Ibrahim Sued adquirisse fama, riqueza e respeitabilidade como árbitro do bom gosto e do bom viver. Mais interessante é saber que o dito jornalista era conhecido por erros de concordância e outros atropelos em língua portuguesa. Suas dificuldades gramaticais transformaram-se num estilo pessoal, autorizando-o a publicar as crônicas sem revisão no jornal *O Globo*, com o carimbo “*Favor esquecer Camões. Proibido mexer no meu estilo. Merci*” (SUED, 2001). Introduz expressões próprias como *panteras* e *deslumbradas* para se referir às mulheres que apareciam na sua coluna; *bola preta* quando se trata de uma gafe e *bola branca* de algo de bom tom; *cocadinha* ou *geração pão com cocada* para se referir às mulheres jovens ou nova geração e *ademã que eu vou em frente*, ao encerrar suas crônicas.

Apesar do grande interesse que o estilo de crônica social inventado por Ibrahim Sued despertou em termos do campo da comunicação, esse não é o objetivo desse trabalho<sup>6</sup>. As colunas do jornalista são tomadas aqui como um tipo específico de relato da vida social do período, nas quais é possível identificar o comportamento e o estilo de vida da elite brasileira. Além disso, a lista das dez mulheres mais elegantes lançadas por Ibrahim podem permitir a identificação dos padrões de autocontrole da sociedade da época e que estavam prestes a sofrer transformações. Funcionam aqui, portanto, como uma memória cotidiana

---

<sup>6</sup> O trabalho de Isabel Travancas trata justamente desse aspecto.

das aparências, pois veiculam as ideias e as imagens de uma performance pública de si.

Por tratar-se de uma pesquisa em fase inicial, os levantamentos ainda são iniciais, mas permitem apontar algumas pistas. Nos jornais representativos das duas importantes capitais da época (*Folha de São Paulo* e *O Globo*) a coluna social é algo endereçado a um grupo pequeno de leitores, falando basicamente com quem participa daqueles acontecimentos. Assim, aniversários, batizados, noivados, casamentos, jantares e outras ocasiões de cerimônia são narrados e retratados para que sejam vistos por outras pessoas do mesmo meio. O fato de o jornal ter, ao longo do tempo, atingido um número maior de leitores do que aquele que se vê retratado não alterou o conteúdo das colunas sociais, que ainda se dedicam a noticiar minuciosamente o aniversário de 15 anos da filha de um distinto industrial, descrevendo inclusive as roupas das anfitriãs e convidadas mais ilustres, muitas vezes acompanhadas de fotografias. O objetivo de tais notícias parece ser nesse momento, a exaltação da distinção social daqueles que figuram nessas colunas.

A novidade trazida por Ibrahim Sued é colocar-se nos acontecimentos não como observador, como o repórter que às vezes era, mas como um ator, como alguém que participa das ações e conta suas próprias aventuras. Ao contrário dos demais jornalistas do gênero, que faziam estilo na exaltação dos retratados, Ibrahim constrói, ao longo do tempo, seu próprio prestígio, figurando ao lado de personalidades da política, da economia, do mundo artístico e da sociedade. Ao aparecer ao lado de personalidades como a Rainha Elizabeth da Inglaterra, sua posição já consolidada de árbitro da elegância e do gosto torna-se inquestionável. Ibrahim Sued coloca-se como um membro do grupo que narra seu cotidiano aos leitores.

No período estudado pertencer ao *Jet set* internacional parece ser a condição para “frequentar” as colunas sociais, pois as mesmas pessoas se encontram nos dois lados do Atlântico e viajar à Europa e, particularmente a Paris, é algo corriqueiro e não episódico. É preciso ter em mente que nesse momento havia uma decalagem entre as grandes e as pequenas cidades do mundo. Assim, uma novidade em termos de moda, música ou cinema ocorrida em Londres,

Paris ou Nova Iorque demoraria muitos meses, e às vezes anos, para ser conhecida em outras partes do mundo. Então, os membros do *Jet set* eram as pessoas mais atualizadas em termos de novidades internacionais. Composto basicamente por herdeiros americanos, europeus e latino-americanos, além de artistas do cinema ou da música, alguns homens de negócios e outras celebridades, o *Jet set* vivia circulando entre as cidades europeias mais importantes, Nova Iorque e Paris, e, às vezes, o Rio de Janeiro. Além de Paris, os verões na Côte d'Azur ou em Capri, os cruzeiros pelo Mediterrâneo e os invernos esquiando na Suíça são práticas desse estilo de vida. Em consequência, os membros do grupo falam muitos idiomas ao mesmo tempo, misturando francês, inglês e italiano (DORLÉANS, 2009).

Essa mistura de idiomas e de expressões que jamais conheceram seu correlato em português não é exclusiva de Ibrahim Sued. Toda a crônica social é feita com o abuso de termos em francês. Ciente de seu alcance para além desse grupo, Ibrahim às vezes traduz essas expressões ou explica o que são determinados produtos, nomes de vinhos ou pratos franceses servidos nos jantares de que participou. Tal fato também denuncia sua condição de membro externo, que tem consciência da exclusividade desse estilo de vida.

#### **A elegância da mulher brasileira nos anos dourados**

As mulheres que aparecem nas listas de mais elegantes do ano elaboradas por Ibrahim Sued seguiam um perfil definido, ou como dizia o jornalista, “atendiam a um critério de elegância”. Segundo Sued esse critério é a simplicidade. “Elegância não se compra”, também dizia o autor das referidas listas. No entanto, todas elas vestiam-se com os grandes costureiros franceses, passavam temporadas em Paris e muitas frequentavam o *Jet set*. Naturalmente, havia mais do que dez mulheres ricas e vestidas à moda europeia que frequentavam a sociedade da época, e pela inobservância da dita “elegância simples” é que ficavam de fora. A partir da década de 1960 começam a figurar mulheres jovens e solteiras na lista, o que não acontecia antes, quando apenas mulheres casadas eram apontadas.



Ocupando o lugar de capital da República, naturalmente a política tinha grande peso na vida social do Rio de Janeiro, e mulheres de diplomatas, embaixadores e deputados acabavam ganhando destaque já que tinham mais oportunidade de brilhar nas tantas ocasiões formais de que participavam. Depois, as mulheres dos grandes homens de negócios: banqueiros, industriais, advogados e outros tradicionais herdeiros cariocas. Alguns nomes foram unanimidade na época, sendo apontadas várias vezes não apenas por essa, mas por várias colunas sociais que passaram a elaborar listas. São elas Lourdes Catão, Teresa de Souza Campos, Carmen Mayrink Veiga e Elisinha Moreira Salles, que era também uma unanimidade internacional em termos de elegância. Conhecida também como grande anfitriã, Elisinha Moreira Salles, mulher do banqueiro Walter Moreira Salles, organizou inúmeras recepções em sua casa na Gávea, recebendo a elite brasileira e internacional.

Na publicação da lista, uma página com os nomes e algumas fotografias das indicadas trazia detalhes de sua vida, gostos em termos de moda e razões de sua elegância. As preferências em termos de moda das indicadas no ano de 1968 são: Balmain, Dior, Grès e Valentino<sup>7</sup>. Se pensarmos que os grandes costureiros franceses do momento nessa época eram André Courrèges, Yves Saint-Laurent e Pierre Cardin, percebemos a permanência de um estilo tradicional nessa elegância celebrada pelas colunas. A conformidade com um papel que já era amplamente questionado pelas novas gerações ainda aparece aqui como o modelo de elegância:

Mulher 67. Antes de mais nada, a 'mulher 67' [em referência aquele ano] tem que agradar aos homens. Agradar às mulheres ou às amigas não resolve... É burrice.

Ser discreta. Isto é, feminina: nada de masculinidade, como essa palhaçada de terninho, que pode ficar muito bem numa mulher que não se interessa pelos homens.

Falar alto, dar gargalhadas estrondosas são outros detalhes que os homens detestam. Eu, no meu caso, tenho horror...

Também a mulher que se perfuma demais é coisa detestável!

Também uma mulher para ser alinhada, isto é, 'mulher 67', tem que ser aquilo que todos nós, os homens, exigimos: classe. E para ter classe não é preciso data... Esta é a minha opinião. (SUED, 2001, p.139)

---

<sup>7</sup> *O Globo*, 17/12/1968, p. 2, segunda edição.

É possível perceber nesse trecho, a necessidade de conformidade da mulher elegante a um papel e lugar determinados: o de esposa discreta e dócil, que não chama a atenção para si. Em seu tradicional trabalho de seduzir o homem deve procurar atender aos desejos desse.

Em outro momento da mesma década de 1960, sua crítica é mais direta, deixando óbvias as influências da cultura machista que imperava na sociedade brasileira da época:

Aos maridos – Se você chegar em casa e sua mulher estiver de ‘tromba’, não dê importância. Lembre-se de que a coitadinha passou o dia inteiro fofocando com as amigas. Se sua mulher usar minissaia contra a sua vontade, perdoe-lhe, porque ela tem necessidade de mostrar as pernocas. Se sua mulher não tiver vontade de ir ao cinema, não a contrarie, porque certamente ela foi à tarde com as amigas. Se a comida não estiver ao seu gosto, não zangue com sua mulherzinha porque naturalmente ela passou o dia batendo boca com as amigas e não teve tempo de dirigir a criadagem. Quando sua mulher estiver irritada, não a culpe: lembre-se de que você passou o dia inteiro dando duro no batente para sustentar a família. Se ela reclamar que você lhe dá pouco dinheiro, assalte um banco, porque sua mulher é a ‘maior ...’ (SUED, 2001, p.97).

### **Considerações finais**

Embora a pesquisa encontre-se em seu início, conforme já ressaltado anteriormente, é possível perceber algumas pistas que indicam o alto grau de rigidez no que se refere à conformidade a alguns papéis para a mulher: esposa virtuosa, discreta, anfitriã impecável e devotada à carreira do marido.

Nesse sentido, a moda e as ideias de elegância celebrada nessa coluna atestam um modelo de feminilidade passiva e tradicional, com os atributos do feminino (cintura, seios e quadris) bem marcados. Essa construção estilística do feminino já era largamente contestada nas criações dos jovens costureiros da época.

De outra parte, elementos que ainda carecem de aprofundamento poderão indicar que esse é um mundo que agoniza, enquanto vive seus últimos momentos de glória. As transformações econômicas e culturais que ampliam o consumo das camadas médias a partir da década de 1950 (HOBSBAWM, 1995) também terão consequências importantes na cultura e no estilo de vida

dessas elites, inclusive com a maior influência que a cultura norte-americana passará a exercer nas sociedades ocidentais. E mesmo Paris também estava se transformando, embora tenha conservado seu prestígio em termos de alta costura, novos centros produtores passaram a lhe fazer concorrência, justamente com a proliferação de estilos de vida mais marcados pelo hedonismo.

### Referências Bibliográficas:

- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2004.
- CRANE, D. *A moda e seu papel social. Gênero, classe e identidade das roupas*. São Paulo: Senac, 2007.
- DORLÉANS, F. *Snob Society*. Paris, Flammarion, 2009.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_, *Os Alemães*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- FOULKES, N. *High Society – The history of America's upper class*. New York, Assouline, 2008.
- HEMINGWAY, E. *Paris é uma festa*. São Paulo, Bertrand Brasil, 2012.
- HOBBSAWM, E. *A era dos extremos – o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- McROBBIE, A. . *A british fashion design. Rag trade or image industry?* London/NewYork: Routledge, 1998.
- MENDES, V. e de la HAYE, A. *A moda do século XX*. São Paulo, Martins Fontes, 2009.
- SCOTT FITZGERALD, F. *Este lado do paraíso*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2011.
- SILVA, E. M. *É possível falar de tribos urbanas hoje? A moda e a cultura juvenil contemporânea*. Iara Revista de Moda, Cultura e Arte, São Paulo, Senac, Vol.4, 2011, pp.47-64. Disponível em [www.iararevista.sp.senac.br](http://www.iararevista.sp.senac.br)
- SUED, Isabel. *Em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro, Rocco, 2001.
- SIMMEL, G. *Filosofia da moda e outros escritos*. Lisboa, Texto & Grafia, 2008.
- TRAVANCAS, Isabel. *A coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico*. 2000. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.html>